

A REALIDADE, JUNTO COM O CORAÇÃO, É A NOSSA GRANDE ALIADA

*Notas do Dia de Início de Ano
dos Colegiais com Julián Carrón
Milão, Basílica de São Marcos, 4 de outubro de 2015*

Cantos: *Ballata dell'amore vero
La strada*

Alberto Bonfanti. Bem-vindos a este gesto com que iniciamos juntos um novo ano. Cumprimento a todos vocês aqui presentes, agradecendo de coração ao pároco, Pe. Luigi Testore, pela hospitalidade nesta igreja tão bonita, e cumprimento todos aqueles que estão conectados. Há 32 conexões na Itália e oito no exterior: de Lugano e de Friburgo, na Suíça; de Barcelona e de Madri, na Espanha; da Lituânia, da Grã-Bretanha, da Irlanda, de Portugal. Diz-nos Dom Giussani de forma provocadora, e recordou-nos Davide Prospero no sábado passado, na Jornada de Início de Ano dos adultos: “O dia mais belo da semana é a segunda-feira, porque às segundas-feiras se recomeça, recomeça o caminho, o desígnio, recomeça a atuação da beleza, da afeição” (cf. L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Milão: BUR, 2002, p. 31). Nós também recomeçamos cheios da beleza que vimos nas férias e que muitos de vocês atestaram; das perguntas que os fatos ocorridos fizeram aparecer, por vezes de modo dramático; do desejo de comunicar aos nossos colegas esta beleza que vivemos; mas também, para alguns, do medo de perder esta beleza dentro da rotina do quotidiano, que às vezes parece sufocar todo desejo. Dentro de tudo isto, o desafio que você, Julián – agradecemos-lhe, porque nos acompanha também neste início –, nos lançou no Tríduo Pascal, a partir do qual nos convocamos e já dialogamos com alguns de vocês em Cervínia junto com nosso amigo Davide, é mais do que nunca atual: “A realidade, junto com o coração, é a nossa grande aliada”. Junto com o coração, ou seja, junto com aquele desejo de felicidade, de verdade e de beleza que não podemos arrancar de nós, a realidade é a nossa aliada. Vê-se das contribuições de vocês um empenho sério em verificar este desafio e em acertar as contas com as perguntas que nascem dessa verificação. Escolhemos algumas colocações, algumas perguntas para nos ajudar nesta nova aventura que se abriu para cada um de nós, certos da positividade do que nos espera. Eu mesmo vou ler a primeira pergunta, porque a pessoa que a mandou prefere assim; parece-nos importante pela questão que põe.

“Em relação à Jornada de Início de Ano, na Escola de Comunidade aparecem frequentemente algumas colocações em que se diz que, em ambientes como os esportivos ou numa férias sozinho, por exemplo, a realidade se mostra imediatamente como vazia de sentido. A isto normalmente se responde dizendo que até essa realidade, se olhada até o fundo, é uma possibilidade para entender mais e para viver o que dizemos nos Colegiais. Eu vivo uma situação familiar complicada. Parece-me que, nas circunstâncias em que vivo quotidianamente, há continuamente um vazio de sentido que é preenchido ocasionalmente nas experiências de CL. Isto muitas vezes me irrita, porque, quando estou mal, normalmente por causa de atritos familiares, como disse, fico ainda mais intensamente mal, porque sinto saudades dos momentos de vida autêntica vividos; tanto é assim que, paradoxalmente, preferiria não ter conhecido os Colegiais, para abandonar-me à ideia dos meus pais: de que não há nada. Contudo, entendo que esta posição não me corresponde, porque eu sou exigência de significado, e então a minha pergunta é: como é possível que este vazio possa ser preenchido sempre na minha vida?”

Julián Carrón. Boa tarde a todos. Estou particularmente contente por podermos continuar o caminho juntos, porque, quando lhes mandei a mensagem em que dizia que a realidade, junto com o coração, é a nossa grande aliada, muitos de vocês a levaram a sério, e assim surgiram muitas

perguntas. Somos companheiros de caminho por isto. A nossa companhia não é sentimental, não estamos juntos para chorar nos ombros uns dos outros ou para nos olhar entre nós. A nossa companhia é para ver se aquilo que dizemos nos ajuda a entrar no real. Se não nos ajuda a viver, se não percebemos o estarmos juntos, o pertencermos a esta amizade como pertinente às exigências da vida, como sempre nos disse Dom Giussani, cedo ou tarde esta companhia já não nos interessará. Quando, pelo contrário, a pessoa a leva a sério, começa a ver o quanto as coisas que nos dizemos podem ser pertinentes às perguntas que a vida nos põe, às perguntas que brotam em nosso coração, como diz a carta que Albertino acabou de ler.

Gostaria de começar esclarecendo o que significa para mim a palavra “aliada”. Na nossa imaginação, muitas vezes pensamos que uma coisa é aliada por tirar mecanicamente as dificuldades da vida; por isso, quando as coisas não caminham assim, quando os problemas não se resolvem mecanicamente, dizemos: então como é que a realidade pode ser aliada? Esta pergunta nos faz iniciar um caminho. E, logo aqui, a realidade mostra-se aliada, porque faz emergir o nosso eu, as nossas perguntas, a nossa razão, a nossa liberdade; ajuda-nos a perceber que não há nada de mecânico, de automático no homem. Porque tudo passa através da liberdade; tudo é uma possibilidade, como diz a carta, diante da qual se joga a nossa liberdade. A realidade pode ser percebida simplesmente como vazia de sentido ou, se olhada até o fundo, diz a nossa amiga, como uma possibilidade para entender mais. A realidade é algo vazio de sentido ou uma possibilidade? Quem poderá descobri-lo? Talvez quem não pensa em nada? Não. Quem arrisca, quem corre o risco de verificar se, naquilo que percebo como desprovido de sentido, há uma possibilidade que não imagino e não intuo. E então as circunstâncias começam a tornar-se aliadas porque nos provocam, tornam-se para nós uma provocação. Mas tenho de decidir: vazio de sentido ou possibilidade? Quem poderia pôr a mão no fogo que a realidade é absolutamente desprovida de sentido? Eu os desafio! Vocês têm de levar a sério as suas perguntas. Quem pode estar tão seguro de que aquilo que em determinado momento nos parece desprovido de sentido realmente o é? Quantas vezes aconteceu nas suas vidas, mesmo ainda sendo jovens, descobrirem como reais as possibilidades que não lhes tinham passado nem sequer pela entrada do cérebro? Que ajuda nos dá Shakespeare quando diz: “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia” (cf. W. Shakespeare, *Hamlet*, ato I, cena V)! Como podemos descobri-lo? Só se aceitarmos como uma provocação positiva as circunstâncias pelas quais a vida nos faz passar. Por que é que isto é decisivo? Por que é que temos necessidade disto? Porque a experiência elementar do homem – ou seja, aquela estrutura que trazemos conosco desde o nascimento, feita de evidências e exigências de verdade, de beleza, de bondade, de felicidade – precisa de uma provocação para se despertar. É preciso uma provocação que venha de fora de nós para despertar o nosso eu, para arrancar-nos do nosso torpor em que tantas vezes caímos. Dom Giussani, com efeito, dizia-nos que a “experiência humana originária”, ou seja, aquilo que nós somos, aquele conjunto de evidências e de exigências pelos quais eu sou um homem, “não existe ativamente, senão dentro da forma de uma provocação. [...] Quer dizer, dentro de um modo em que é solicitada” (cf. *Dall’utopia alla presenza: 1975-1978*, Milão: BUR, 2006, p. 193). Portanto, o problema verdadeiramente radical é haver uma provocação tal, que favoreça a percepção de mim mesmo como um eu que deseja tudo. São certos encontros, certas circunstâncias o que coloca em ação a nossa consciência, a natureza original do nosso eu. Vocês veem isto quando gostam de uma pessoa: naquele momento começa a manifestar-se todo o eu de vocês, com todas as suas exigências, com toda a sua capacidade de vibrar diante de um desconhecido que os atrai, os solicita e os provoca com sua presença, com sua beleza; não há nenhuma possibilidade de eliminá-lo, de tanto que os faz ser vocês mesmos. O outro provoca-nos a sermos nós mesmos. A mesma coisa acontece em cada circunstância. As circunstâncias são provocações que despertam o seu eu, a sua exigência de entender, de descobrir o significado de tudo; despertam-lhe perguntas. E só quem leva a sério essas perguntas, só quem vê surgir em si essas perguntas é capaz de captar a resposta. De fato, só quando temos perguntas é que somos capazes de captar as respostas. E, se a pessoa que escreveu a carta prestar atenção, perceberá que naquilo que vive já há um início de resposta: reconhece ter vivido momentos de vida autêntica, e

justamente por isso experimenta uma saudade daqueles momentos. Não é que não lhe tenha acontecido nada, viveu momentos de vida autêntica dos quais sente uma saudade que não consegue tirar de si; mas depois, frente às dificuldades da vida, preferiria nunca tê-las vivido e abandonar-se à ideia dos que a circundam. É preciso decidir, meninos! Vocês têm de decidir: estar disponíveis a ceder ao que viram com os próprios olhos, ou seguir o que lhes dizem os outros. Vocês querem viver a vida de vocês ou preferem que alguém a viva em seu lugar? Se vocês mesmos não começarem a decidir viver, sempre haverá alguém que vai sacaneá-los. Vocês têm de decidir, porque viveram momentos de vida autêntica, viram-nos com os próprios olhos, sentiram-nos vibrar nas fibras do próprio ser. E, se alguém lhes disser – como na música *Barco Negro* (música de Caco Velho e Piratini, letra de D. Mourão-Ferreira) – “são loucas”, vocês responderão: “Você é que é louco, você que é! Eu estou realmente certa do que me aconteceu”. Por que você está tão certa? Se prestarem atenção a si mesmos, vão encontrar a dica da resposta: porque o que os outros lhes dizem não corresponde a vocês como aquilo que lhes aconteceu. “Entendo que esta posição”, diz ela, “não me corresponde, porque eu sou exigência de significado”. Então decidam! A vida não maltrata vocês, e vocês não são coitadinhos que nunca viram nada de realmente claro, vivo, atraente, fascinante; viram e viveram, tanto é verdade que, se os outros lhes dizem “são loucos”, isto não lhes vai corresponder, porque são exigência de significado. Veem como a realidade é aliada? Mas isto não é mecânico, porque é preciso que cada um ceda à provocação da realidade; assim poderei ver mostrar-se, diante dos meus olhos, o que é a realidade, o que sou eu e qual a promessa que a realidade me oferece para a realização do meu eu.

Este verão foi um dos mais significativos para mim. Consegui manter presente aquela promessa, aquele encontro que tive e que reacontece quando estou nesta companhia. Graças às nossas férias e às férias dos adultos, dei-me conta, cada vez mais, de que a realidade não é minha, mas é para mim; entusiasmo-me pensar que, o que quer que aconteça, a realidade sempre estará lá. Tudo muda, porém, por como você se coloca diante dela. É este o meu problema, porque, na Equipe dos Colegiais, Davide Prospero nos disse que voltar com perguntas é um bem, mas eu tenho uma pergunta sempre presente que me assusta: como posso manter tudo isto? Como posso continuar a viver com essa consciência de que a realidade é para mim? Eu sabia que, depois da Equipe e depois de um verão tão verdadeiro, eu não conseguiria mantê-la, e para evitar isto eu me lancei em tudo o que estava fazendo, sobretudo nas atividades dos Colegiais, porque é a única companhia que me ajuda, como dizia Prospero, a carregar o fardo da minha humanidade. Com volta às aulas, sinto que se anulou tudo o que eu tinha construído; sabia que aconteceria, mas não pensava que ia acontecer tão cedo. Como posso conseguir não perder o meu encontro toda vez que a realidade se põe diante de mim?

É verdade que tudo se anulou? Responda-me sim ou não.

Não.

“Não”. Vocês não podem mentir a si mesmos.

Um pouquinho.

Um pouquinho, mas nem tudo se anulou, tanto é verdade, que você está aqui fazendo a pergunta. Se tudo se tivesse anulado, você não estaria aqui e não desejaria não ter perdido o que lhe aconteceu. Portanto, o primeiro dado que reconhecer é este: nem tudo se anulou, como, pelo contrário, muitas vezes achamos. É muito importante dar-se conta disto: o fato mesmo de você ter feito a pergunta indica que não se apagou do seu eu aquilo que você encontrou. Para vocês não parece quase nada, e no entanto é crucial. Por quê? Porque permanece algo daquilo que eu vi, daquilo que me aconteceu; não se pode apagar totalmente um evento da vida. É importante dar-se conta disto, porque assim começamos a não mais nos assustar quando parece que tudo desmoronou. Quando aquele medo os tomar, olhem-no de frente e perguntem-se: é verdadeiro ou não é verdadeiro? Vocês não podem perder a ocasião. Quando vier a suspeita de que tudo tenha se anulado e apagado, de que tudo seja uma ilusão, de que tudo tenha sido um sonho, olhem para tudo isso de frente, pondo-se a pergunta: é verdadeiro ou não é verdadeiro? Se vocês não julgarem se é

verdadeiro ou não aquilo que pensam, vocês vão ter um *tilt*. Se vocês, porém, julgarem toda vez que a dúvida os assaltar, vão descobrir-se sempre mais convencidos de que não foi um sonho, de que nem tudo foi apagado. Aliás, vão perceber que, quando surgir essa pergunta, será uma ocasião para redescobrir isto novamente, para dar-se conta de quanto é consistente, de quanto dura o que vocês viram e viveram. Não devem autoconvencer-se, não devem contar bobagens, não devem acreditar em “visões”, simplesmente devem levar-se a sério e perguntar-se: é verdadeiro ou não é verdadeiro o que eu vivi, é verdadeiro ou não é verdadeiro que o que eu vivi não foi apagado? Uma pessoa que encontrou a comunidade cristã e depois se afastou por anos, até mesmo depois de dezessete anos, como me contava um amigo, telefonou aos amigos de antigamente dizendo: “Será que vocês ainda se veem?”, “Sim”, “Eu também posso ir?”. Depois de dezessete anos! “Claro, mas por quê?”. “Porque tenho muitas saudades!”. Pareceria que, depois de dezessete anos, não tivesse sobrado nada, mas aquela pessoa viu o que viu, viu que há um lugar de vida, viu que há uma experiência e viu que todas as suas tentativas feitas ao ir embora não conseguiram dar-lhe nem um minuto daquela plenitude que tinha vivido. Nós não temos nenhum problema com a realidade, não temos medo dos desafios, porque é justamente enfrentando as circunstâncias que vemos a diferença entre Cristo e qualquer outra resposta; mas só descobrirá isto quem não tiver medo de verificá-lo na realidade. Por isso, impressiona-me sempre o episódio do filho pródigo: sentia-se sufocado em casa e foi embora. Alguém poderia pensar: acabou tudo. Mas, quando se vê em meio aos porcos, não pode evitar pensar: “Na casa de meu pai eu estava bem, e até mesmo seus empregados vivem infinitamente melhor que eu, que estou aqui comendo lavagem com os porcos” (cf. *Lc* 15,16-17). É uma visão? É uma ilusão? É ficção científica? Ele não consegue esquecer a experiência vivida na casa do pai, que parecia apagada por todas as besteiras que fez. Aquela experiência tinha sido totalmente anulada, como disse a nossa amiga? Não, justamente porque, quanto mais se afastou, mais lhe veio uma saudade louca de casa. Deus não lhe mandou um anjo para dizer “Coitadinho!”. Das vísceras do seu eu jorrou um desejo de felicidade e de plenitude: “Eu aqui vivo como um porco, quando poderia viver como um filho”; e tudo se repropõe com ainda mais intensidade que no início: se o cristianismo fosse só uma invenção para aqueles que não provaram nada na vida, depois de ter provado tudo a pessoa deveria ficar realmente convencida de que tudo acabou. Mas, justo naquele momento, repropõe-se tudo com mais potência ainda. Depois de termos verificado todos os nossos sonhos, todos os atalhos que imaginamos para atingir mais depressa a nossa felicidade, justo naquele momento se mostra toda a diversidade do cristianismo. Então nos perguntamos: a única alternativa é fazer besteiras? Ir embora por dezessete anos? Não, há outra possibilidade: quando uma pessoa sente essa tentação, pode olhá-la de frente, como eu dizia antes. Com o que me aconteceu e que não foi totalmente anulado, neste novo início a partida ainda não está encerrada para mim. As circunstâncias são dadas para que, jogando-se nelas, você possa tornar-se sempre mais certa. A vida cristã é só para os audazes. Se preferirem uma vida fácil, vão buscá-la em outro lugar. A experiência cristã é só para quem tem o desejo de viver uma aventura na qual não falamos de bobagens e constantemente somos convidados a verificar o que nos dizemos. Mas, para verificá-lo, é preciso estar sempre de novo na ativa, porque estamos dentro de um lugar que constantemente nos relança, nos acompanha, responde às perguntas, E, assim, a vida torna-se outra coisa.

No fim do verão, dei por mim com uma vontade louca de voltar à escola, porque, pela primeira vez, senti a exigência de verificar se a beleza e a felicidade que tinha vivido durante as férias dos Colegiais e no Meeting faziam realmente parte da realidade, uma realidade que, para mim, inclui em primeiro lugar a escola. Se é verdadeiro o que eu vivo nesta companhia, deve sê-lo em cada circunstância, de forma a sentir o desejo de estar sentada na frente do meu professor com o mesmo coração aberto com que estou durante um passeio na montanha. Desde quando começou a escola, estou percebendo que a estou vivendo com o coração aberto. Percebi isto quando comeci a sentir a necessidade de, no fim da aula, sair da sala e ir contar a minha manhã a uma amiga dos Colegiais, a ela como à minha companhia. E tudo isto me parece muito bom, porque finalmente essas duas realidades que eram distintas, a escola e os Colegiais, agora são uma só coisa, e sinto

que, sem o apoio e sobretudo a presença dos meus amigos, esta realidade que agora sinto aliada e próxima seria separada e adversa. Esse início escolar, além disso, suscitou em mim diversas perguntas, sobretudo em relação à relação com a minha colega de sala, que, toda vez que acabava uma aula a meu ver ótima, me mostrava a sua reação apática e entediada, a ponto de fazer-me pôr em dúvida o que eu tinha acabado de viver. Inicialmente, pareceu-me um limite, mas justamente nisto me dei conta de que não o devia ser e que, antes, tinha de ser algo do qual partir, um desafio. Então me perguntei, e ainda hoje me pergunto, como é possível que ela, que tem um coração como o meu e que vive a mesma realidade escolar, não consiga ver no que vivemos aquilo que eu vejo.

Na sua opinião, por quê? Qual é o ponto de partida para responder a essa pergunta, quando vemos que nós temos uma série de exigências que, às vezes, os outros não reconhecem como exigências suas, ou quando nós vemos certas coisas que os outros têm dificuldade em reconhecer? Qual é o ponto de partida para responder a tais questões?

A minha experiência.

Muito bem! A sua experiência! A sua experiência! Anos atrás, um estudante universitário perguntou a Dom Giussani algo parecido: “Se [...] me dirijo ao outro, ao colega que encontro na universidade, e ele a um certo ponto me diz: ‘Olha, essa é uma necessidade sua, mas não é uma necessidade minha’”. Dom Giussani respondeu-lhe: “Quem lhe responde assim está anestesiado. Por quê? Como você pode saber? Você sabe o que há no coração do homem, porque há em você [...]. E você entende que o outro não entende aquilo que você entende, porque está travado, anquilosado, paralisado” (cf. *L’io rinasce in un incontro. 1986-1987*. Milão: BUR, 2010, pp. 364-365). Em você, despertaram-se certas exigências num certo momento da sua evolução humana, do seu percurso humano, porque aconteceu algo, porque lhe aconteceu um encontro, algo que as despertou em você. Então você não deve julgar a sua colega, simplesmente deve esperar que ela tenha a possibilidade de descobri-lo, como aconteceu com você. É este o alcance da nossa experiência: como essa sua colega pode ser desafiada a descobri-lo? Só se, antes de mais nada, você responder às necessidades que tem, como dizia no início, de verificar se a beleza e a felicidade que você tinha vivido nas férias ou no Meeting fazem realmente parte da realidade, “se é verdadeiro o que eu vivo dentro da companhia”. Você tem necessidade disso primeiramente por você, não só para responder à sua colega. A primeira questão somos nós. E, justamente porque você responde a si mesma, poderá mostrar à sua colega qual é a novidade que Cristo introduz no modo de viver o real. Você a desafia vivendo o que lhe aconteceu; verificando o que lhe aconteceu, você a está desafiando: “Vê como é possível viver de modo diferente o estudo, viver a relação com as colegas, viver as dificuldades, viver o cansaço, viver o quotidiano que nos esmaga?”. E então entende o método de Deus, que é o mesmo desde sempre: Deus dá a graça a uma pessoa para que ela chegue a todos, Ele a dá a você para que a comunique a todos os seus colegas. E você não tem de fazer sabe-se lá que anúncio na aula, deve simplesmente viver, de modo que os outros possam ver qual novidade que Cristo introduz na vida. Não vão descobri-lo porque você o diz em palavras e o explica; porque, se não o virem em você, no modo com que você reage às coisas, não poderá desencadear-se neles a pergunta: “Por que você vive assim? De onde nasce essa sua novidade? De onde nasce o fato de que você entra na sala contente e que, tendo que ver com os nossos mesmos desafios, você as vive diferentemente? Por que você nunca se cansa de recomeçar?”. Estas perguntas lhe oferecem a oportunidade de responder. Os seus colegas têm as suas mesmas exigências, mas precisam, como dizíamos antes, de uma provocação adequada para descobrir todas as possibilidades do viver que ainda não conhecem. E como o Senhor deu isso a você, num certo momento o dará a eles também. Impressiona-me sempre o espetáculo do respeito de Deus pela liberdade de cada um de nós: em vez de se irritar com seus colegas ou de se confundir porque não entendem, pense em Deus que bate à porta sem descanso e que espera a nossa resposta como um mendigo. Eu os desafio a encontrar alguém que ame tanto assim a sua liberdade, que ame tanto assim a liberdade dos seus colegas. Nós não podemos amar a liberdade dos nossos colegas menos de como Deus a ama.

Neste verão, sofri uma grande ferida afetiva. O que particularmente me marcou é que essa relação tinha se tornado para mim a ocasião principal que Cristo usava para me encontrar, para fazer-se presente no meu dia, mudando-o para melhor e tornando-o pleno. Quando essa relação se interrompeu, o rompimento para mim foi muito doloroso, quer emotivamente, quer porque me senti traída por Ele.

Por quem?

Por Cristo. Apesar da ferida profunda, pedi ajuda aos meus amigos mais queridos que, simplesmente ficando comigo, me ajudaram a enfrentar a situação. Diminuída a emoção, pus-me a fazer um balanço do que me tinha acontecido, e percebi que a realidade, apesar da dor, tinha sido minha aliada, porque as relações com os meus amigos e com os meus pais tinham crescido nessa situação; mas, acima de tudo, a minha relação com Cristo tinha renascido. Na dor eu tinha decidido conscientemente não recitar as Laudes, e esse “não” a Ele era a prova de que tinha nascido em mim a consciência de depender d’Ele; porque, se Lhe digo não, quer dizer que Ele tem alguma substância.

Vocês veem como permanece?

A minha pergunta nasce com a volta à aulas; o cotidiano está me esmagando, está me achatando numa apatia que não me está deixando viver aquela relação com Ele que se tornou vital para mim, e é uma coisa absurda. No momento em que eu estava mal, conseguia viver essa relação num certo modo, e agora, o dia a dia normalíssimo que eu sempre vivi, não aguento mais, e para mim isto é absurdo. Não saber como vê-Lo, como encontrá-Lo no meu dia está me confundindo. Sei que preciso d’Ele, porque vi que, na dor, a relação com Cristo transformou a minha ferida numa ocasião para mim; mas, se agora, na banalidade quotidiana, não consigo mais captar a Sua presença, basta um nada para me derrubar. Como faço para captá-Lo durante o dia? E, sobretudo, como faço para chegar a uma constância nessa relação com Ele que resista às circunstâncias?

O que me impressiona é antes de tudo esta sua afirmação: “Na dor eu tinha decidido conscientemente não recitar as Laudes”, justamente porque você tinha a suspeita de que, no fundo, Cristo o tivesse traído, mas muito perspicazmente você observa: “Mas esse ‘não’ a Ele era a prova de que tinha nascido em mim a consciência de depender d’Ele”, porque uma pessoa diz não quando já começou uma relação.

Tenho de dizer o “não” a alguém.

Perfeito! E isso é fundamental, porque muitos teriam se irritado pela própria incoerência, tendo visto só o próprio “não”, como que a dizer: “Eu, apesar disto, disse não”. Ele, pelo contrário, não se detendo na aparência, foi mais fundo e disse: “Mas o meu ‘não’ é a prova de que já se iniciou uma familiaridade com Ele, e estou consciente disto justamente porque digo não, porque possa dizer não”. Vocês veem que na vida, na experiência que fazemos, tudo serve? E esse exemplo dele é impressionante, porque até um “não”, se a pessoa se dá conta, adianta; de fato, permite-lhe ser ainda mais consciente d’Aquele a quem diz não. Amanhã lhe dirá sim, não se preocupem com isso. A questão é que eu já comecei uma relação, que não me concebo totalmente autônomo, que não me concebo sozinho. Eu comecei a ver a verdade daquilo que dizíamos citando Guccini: “Não sou quando não estás aqui”, quando você não está, fico “sozinho com os meus pensamentos” (cf. *Vorrei*, letra e música de F. Guccini). Por que gosto destas expressões? Porque dizem que, justo quando nos concebemos em autonomia total e isolados como indivíduos sem relações, a experiência elementar me diz que eu sou mais eu quando você está, quando entra na minha vida um tu – um amigo, a pessoa amada, a mãe –; eu sou quando você está. Uma pessoa começar a experimentar isto é crucial. Posso ter momentos em que digo “não” pela minha fragilidade, pela minha estupidez, pela minha teimosia, mas já comecei a ver algo mais interessante que todos os meus “nãos”: há alguém com quem eu sou mais eu, há alguém que me torna mais eu mesmo, como aconteceu com o filho pródigo: percebeu que havia um lugar, uma relação mais decisiva para viver do que qualquer outra coisa, ou seja, a sua casa e o seu pai; pode ter cometido todas as burrices do mundo, mas não pôde deixar de voltar para casa, para o seu pai. Pensem em São Pedro: podia errar muitas vezes, mas tinha visto, e, de fato, diz a Jesus: “Onde vou sem ti, Cristo?”. Isto é mais importante que todo o

resto, incluindo todos os nossos “nãos”. No tempo, segundo um desígnio que não é o nosso, segundo um caminho ainda todo por descobrir, graças à paciência infinita que Cristo tem para com cada um de nós, algum dia chegaremos a dizer, nós também, como Pedro – depois que Jesus lhe perguntou: “Tu me amas?”; perguntou-lhe depois de tê-Lo negado diante de todos –: “Não sei como, mas toda a minha ternura é por Ti, Cristo, todo o meu eu está ligado a Ti” (cf. *Jo* 21,15-17). Também em vocês estará a vitória do vínculo com Cristo, estará a vitória da afeição a Cristo. Toda a minha afeição é por Ti, Cristo. Pedro não se assustou com os muitos erros que tinha cometido, porque através de todos eles se ligava sempre mais a Ele. É isto o que maravilha. Por isso você já tem a resposta à sua pergunta. “O quotidiano está me esmagando, a apatia não me está deixando viver aquela relação com Ele que se tornou vital para mim”. Pergunto-lhe: como você consegue viver sem? Ponto! Então a apatia, a quotidianidade que o esmaga lhe oferecem a possibilidade de se perguntar: “O que é que eu faço aqui? Por que não O procuro?”. É como se Cristo, a partir das vísceras da sua experiência, a partir da apatia que você vive, lhe dissesse: “Eu não faço falta? Consegue viver sem mim?”. Responda-lhe! A apatia, paradoxalmente, torna-se o empurrão para a memória d’Ele. Como a saudade, quando falta ele ou falta ela, essa também é ocasião para a memória. A apatia ou o quotidiano tornam-se uma oportunidade para retomar a relação, aquela relação que, no fundo no fundo, nunca se interrompeu.

Neste momento, sinto mais do que nunca a presença de Cristo, e não porque a realidade que me rodeia seja como eu rezei para que fosse, aliás, é justamente o contrário. Obviamente agradeço a Cristo por ter-me dado estes amigos com os quais eu posso ser eu mesma, e por ter-me colocado nesta companhia. Sem Ti, Senhor, aonde iria? O fato é que os meus desejos algumas vezes não correspondem ao que Ele gostaria para mim. Há uma realidade dolorosa que foi posta à minha frente, mas que ao mesmo tempo é uma ocasião de crescimento para mim e também é um empurrão para fazer-me abrir sempre mais os olhos, para procurar aquela felicidade, aquele bem maior que Ele quer para mim. Todo dia busco entender o que está por trás desta dor, porque a realidade, junto com o meu coração, é a minha maior aliada. Graças ao choque com esta realidade, sempre mais me dou conta de quanto o meu desejo de felicidade seja grande. “Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”. Abandono-me a Ele, deixando-me transportar pelas Suas mãos, dizendo sim a esta dor. Quando estou com meus amigos, estou bem; sorrio-Lhe e agradeço-Lhe. Sinto que com eles o meu caminho tem outro sabor, doce e simples. Apesar de tudo isto, há momentos em que sinto que aquele coração, no cume da alegria, se esvazia, e a melancolia o acomete. Quando estou em casa, muitas vezes me sinto assim e tendo a fechar-me. Tenho medo de fugir, de não poder ficar diante de Cristo porque, quando volto para casa, descanso, ouço um pouco de música e sinto que me acomete essa melancolia pela qual eu já não sinto Cristo ao meu lado como O sentia antes.

Não! Não é pela melancolia que você já não O sente, porque justamente a melancolia é o modo por meio do qual Ele a está chamando: “Eu não faço falta?”.

O fato é que, de qualquer forma, eu sei que Ele está. Eu sei, Ele está sempre ao meu lado, mas sou eu quem foge.

Concordo. Mas a primeira coisa a fazer é começar a ver com clareza o que é a realidade, começar a olhá-la com um juízo novo. A realidade, qualquer realidade, não só a boa, mas também a dolorosa, pode ser uma ocasião de crescimento, como você dizia antes, um empurrão para procurar algo diferente. E isto já diz que estamos começando a olhar a realidade diferentemente de como a olhávamos antes, quando a considerávamos só um incômodo, algo que evitar, do qual fugir, pensando que não houvesse nada de bom para nós numa determinada circunstância. É disto que nasce em vocês, assim como nasceu em mim, a descoberta da realidade como aliada. Eu não aprendi lendo alguns livros, aprendi como vocês estão aprendendo, ou seja, vivendo, vivendo. Quando uma pessoa começa a fazer essa experiência, a realidade torna-se amiga dela, cada aspecto da realidade torna-se amigo. E qualquer pessoa que se introduza nesse caminho torna-se amiga. Por isso, a pessoa começa a reconhecer que os amigos representam um bem para si. Você diz: “Apesar

de tudo isto, há momentos em que sinto que aquele coração, no cume da alegria, se esvazia e a melancolia o acomete”. É precisamente o momento, caríssima, da sua relação pessoal com Cristo; de outra forma, se todo o resto lhe bastasse, como você poderia entrar numa relação única e pessoal, absolutamente “sua” com Cristo? Lembro-me de uma história de Dom Giussani: ele tinha ido a uma festa em que os amigos cumprimentavam uma deles que estava voltando do exterior, e ele estava todo maravilhado pela beleza da companhia, dos amigos, dos cantos, de toda a amizade que havia naquele momento de festa; mas, a uma certa altura, disse aos presentes: “Se, a um certo ponto, amigos, não vem um desejo enorme de dizer o nome d’Ele, tudo isto desaparece” (cf. *L’attrattiva Gesù*, Milão: BUR, 1999, p. 148). Disse isto naquele momento, não porque tudo estivesse ruim; tudo corria muito bem: boa companhia, boa amizade, belíssimos os cantos, tudo bom, mas reconhecer que tudo isso não basta diz quem somos nós e de quem somos. Por isso, no momento da maior nostalgia, desencadeia-se verdadeiramente a relação com Ele. A questão é se nós estamos disponíveis a entrar nessa relação em vez de fugir na Internet, no celular, nos amigos, em tudo. No momento culminante, devemos decidir entrar naquela relação única, senão seremos sempre como um canhão solto no convés; devemos aceitar que tudo o que nos acontece é a porta para entrar mais na relação com Cristo.

Este ano começou diferente em relação aos anos passados, devido a uma grande dificuldade: no começo, eu pensava que fosse devido ao estudo ou à rotina que seria retomada, ou porque já não haveria os meus colegas mais velhos. Mas dei-me conta de que o problema era muito mais profundo, porque logo o estudo começou a me tomar, e eu ainda continuo vendo os meus amigos mais velhos. Quando fizemos a primeira Escola de Comunidade, e a ordem do dia era “A realidade, junto com o coração, é a nossa grande aliada”, isto me deixou sem palavras, e não pelo maravilhamento, mas porque eu não tinha nada para dizer, não tinha nenhuma experiência para contar. Enquanto escutava as colocações dos meus colegas, crescia em mim um enorme sentido de ressentimento para com eles, porque tinham algo para dizer, e eu não. Vi-me completamente esvaziada e com um rancor por essa companhia, porque me tocava no fundo de mim. Aquilo que mais me perturbou é que, apesar de crescer em mim esse ódio por essa companhia, eu não posso deixar de pôr aqui as minhas questões mais profundas. Por que, diante de uma coisa que faz crescer em mim esse rancor, eu fico tão ligada a ela? Vivendo com os meus amigos, também me dei conta de uma inveja profunda que me dava a relação com eles, que aumentava ainda mais esse sentido de ódio; acometia-me uma inadequação dilacerante, cuja proveniência desconheço; apesar de saber que a realidade pode ser minha aliada, parece-me que não seja nem aliada nem inimiga.

Obrigado. É bellissimo o percurso dramático através do qual nós descobrimos as coisas; quanto mais a pessoa segue adiante, mais se dá conta de si mesma. “Eu tinha começado diferente em relação aos outros anos e pensava que fosse o medo da rotina, mas a questão era muito mais profunda”. Vocês veem? As circunstâncias fazem-nos compreender a profundidade do drama humano, a beleza de que somos feitos. Sem ter vivido essa sua volta às aulas, poderia ter dado por óbvio o título da primeira Escola de Comunidade: “A realidade, junto com o coração, é a nossa grande aliada”. Quando, pelo contrário, uma pessoa tem perguntas tão profundas como ela tem, só o ler o título da Escola de Comunidade já a deixa sem palavras. Que intensidade de viver qualquer coisa! Então começa o drama, que devemos aprender a viver bem, porque diante disso ela sente um ressentimento crescendo. Cada um deve decidir, porque a liberdade está sempre em jogo, é sempre chamada em causa. A realidade é um sinal, Dom Giussani sempre nos disse, diante do qual cada um de nós decide. Decide diante de quê? Você está diante de um dado: uma pessoa que conta coisas bonitas na Escola de Comunidade, experiências positivas que viveu, das quais aprendeu, e ofereceu-as a você e a todos os amigos presentes. E isto é um bem, não insultou você, não ofendeu você, colocou diante de você a experiência de um bem que descobriu, ofereceu-lhe a contribuição da própria experiência, do caminho feito, dividiu com você a própria vida. Diante desse bem, até mesmo diante de um bem como esse, podemos ter duas atitudes: acolhê-lo pelo bem que é, ou seja, um bem, um desejo de compartilhar, um convite a comunicar a sua experiência (“Conte-me o que

você descobriu!”), ou então percebê-lo como um juízo sobre nós. No segundo caso, você começa a ensimesmar-se e pensa: “Mas eu não tenho nada para contar”. Disto brota o ressentimento. Mas nem mesmo naquele momento somos deixados sozinhos, porque, seguindo a linha do que você contou, você pergunta como é que se sente tão ligada a um lugar que lhe desperta esse rancor e esse ressentimento, a ponto de pôr ali as suas perguntas. Parece-nos uma contradição. Pelo contrário, não o é, às vezes as duas coisas coexistem: perceber um rancor e ao mesmo tempo reconhecer que não podemos não voltar ali para pôr as nossas perguntas. Que promessa percebemos neste lugar, se nem mesmo todo o ressentimento, todo o rancor que sentimos podem apagar aquele pressentimento de bem que continua, apesar de tudo, a prevalecer, a tal ponto que volto aqui de novo hoje! A questão é se aderimos ao que nos aconteceu naquele lugar, se voltamos àquele lugar a que nos sentimos ligados – no fim é um problema de afeição –, se voltamos lá não obstante nos deixemos levar pelo ressentimento ou pelo senso de inadequação que nos faz dizer: “Eu não sou digna de estar aqui”. Por isso, é maravilhosa, repito, a figura de Pedro: quantas vezes não terá sentido essa inadequação, quantas vezes não terá sentido que não estava à altura da amizade de Jesus, da preferência de Jesus, mas ao mesmo tempo não conseguia ir embora: “Aonde irei sem Ti, Cristo?”. Toda a minha simpatia é por Ti, Cristo, toda a minha simpatia humana é mais forte que toda a minha inadequação. A minha inadequação não conta nada, porque prevalece esta minha simpatia que é quase visceral, como a de uma criança pela mãe: não pode não se apegar à mãe. É maravilhoso ver como isto cresce em nós. Como você vê, a realidade é tudo, menos indiferente, é o que constantemente desafia você a voltar àquele lugar. E quanto mais perguntas a realidade lhe suscita, faz emergir em você, tanto mais essas perguntas a impelem a voltar àquele lugar, o único onde as suas perguntas são levadas a sério. Em que outro lugar são levadas mais a sério as suas perguntas do que como fazemos aqui? Se encontrarem algum, podem ir. Desafio vocês: digam-me se há um lugar, além deste, onde, para serem vocês mesmos, vocês não têm de apagar as suas perguntas mais humanas, um lugar onde vocês podem abraçar toda a sua humanidade sem censurar nada da sua inadequação, da sua incoerência, do seu mal. A esta altura, você pode entender por que, apesar de a vida muitas vezes nos fazer perceber a nossa inadequação, justamente essa inadequação não introduz uma suspeita sobre este lugar, sobre esta companhia, sobre esta amizade, aliás, menos mal que exista e menos mal que não seja preciso estar à altura. Garanto-lhe que, se fosse preciso estar à altura, não haveria lugar para mim! Este é o lugar próprio para aqueles que não se sentem adequados, que não se assustam com a própria inadequação, que não precisam estar à altura para serem aceitos. Somos todos companheiros de Pedro, o primeiro que Jesus escolheu não por ser bom, não por ser adequado, mas por ter, como você, um tecido humano graças ao qual não podia, apesar de tudo, deixar de sentir que toda a sua simpatia humana era por Ele, por Cristo. Sentia-se tão ligado, que nada o fazia separar-se d’Ele.

Caríssimo Julián, quando soube que o título escolhido para a abertura deste novo ano era “A realidade, junto com o coração, é a nossa grande aliada”, fiquei profundamente comovida. Nenhuma frase podia ser mais correspondente ao que vivi nestes primeiros dias de escola e, sobretudo, durante o verão. Só se entende o meu início de ano, com efeito, se repenso nos meus meses de férias: primeiro em Londres e depois na praia, dei por mim me tendo de enfrentar uma série de circunstâncias que não só eu não tinha programado, como também eu nunca teria querido. Eu tinha criado uma ideia de como deveriam ser as férias perfeitas antes do último ano, e, ao invés, foi tudo ao contrário. No começo, eu sentia o peso insuportável do desgaste e da tristeza, continuava bloqueada em mim mesma e nos problemas, e me dizia: “Por que é que acontecem estas coisas?”. Depois de alguns dias vividos sufocando, apresentou-se uma alternativa: ou ficar fechada no meu cantinho, olhando e voltando a olhar as coisas que não estavam como eu queria, ou levantar o olhar e aceitar com humilde obediência que elas pudessem ser uma ocasião privilegiada para me tornar grande. Foi um momento decisivo, porque me foi pedido pôr em ação toda a grandeza da minha liberdade. De fato, teria sido muito mais fácil continuar escrava do meu lamento constante e da contínua medida de mim mesma e dos outros. Depois disso me veio à mente,

quando você dizia que, para empreender a luta de levar a sério o desejo de ser feliz, é preciso amar-se verdadeiramente. É preciso amar-se, porque eu sabia que as coisas não mudariam e que teria de lutar para ficar livre da aparência delas. Naquele momento era necessário que eu me amasse a mim mesma e ao meu coração, que tão bem sabe o que lhe corresponde e nunca pode se enganar. Sustentada pela amável ternura de muitos amigos, pela minha família e pela beleza dos lugares que vi, decidi levantar o olhar e mantê-lo fixo no essencial, no Aconcágua, como você me disse uma vez. Então me descobri livre para amar até a dificuldade, para não me perder nas aparências, para não me deter no que as pessoas pensam de mim e no como eu deveria ser. As circunstâncias não mudaram, pelo contrário; com a morte de uma amiga, a dor aumentou, mas era tudo uma graça contínua, porque Deus se serviu delas para extrair de mim, ainda mais realmente, toda a paixão do meu coração. A realidade permitiu que ela se despertasse. Surgiu prepotentemente, de fato, o desejo de estar diante da beleza das coisas que eu via, com olhar profundo e grato, em contemplação silenciosa e maravilhada; o desejo de buscar a pureza e a limpidez nas relações com os amigos, de doar-me totalmente no sacrifício de ajudar em casa. Chegada das férias, estava preocupada, não via muitos amigos havia três meses e não sabia o que esperar de mim. Então Deus decidiu fazer-me entender definitivamente, com muitos pequenos fatos, que Ele é muito mais original e criativo do que eu: o telefonema de um amigo meu, adulto, que me disse que se importa comigo; a redescoberta da amizade com uma colega minha que voltou dos Estados Unidos; a preparação da festa para os calouros e ver os rostos deles encantados; o voltar a abraçar os amigos e conhecer pessoas novas; são exemplos do abraço paterno com que o ano começou. As matérias na escola mostraram-se extraordinariamente interessantes, cada coisa me causa surpresa. Sei que me espera um ano trabalhoso devido ao estudo e às decisões por tomar, mas, pela primeira vez, não estou assustada, tenho um desejo imenso de viver tudo, cada pessoa que encontro, mesmo aquelas que vejo no metrô e as coisas com que deparo. Às vezes me impressiona quando vejo em mim mesma este coração tão ardente e vivo, desejoso de caminhar. Há os pequenos sofrimentos quotidianos, sinto que muitas vezes me machucam, mas é através deles que me é indicada a estrada, é através deles que entendo o que realmente desejo. Tudo o que vai acontecer será uma graça superabundante que não posso imaginar.

Obrigado. Você descreve bem o itinerário frente ao qual cada um de nós se encontra. No começo, você podia pensar que as circunstâncias fossem um peso insuportável, mas depois de alguns dias colocou-se uma alternativa: viver fechada no seu cantinho ou levantar o olhar e viver aquela situação como uma ocasião privilegiada para tornar-se grande. A vida, meninos, é vocação. Deus nos chama através das circunstâncias. E só quem adere às circunstâncias pode começar a descobrir o que Ele, o Mistério que faz todas as coisas e que tem muito mais criatividade do que nós, preparou para nós. Quem pensa já saber, e portanto acredita que não precisa lançar-se na vida respondendo às circunstâncias por meio das quais o Mistério nos chama, perde o melhor. No entanto, se adere a elas, descobre que Deus é muito mais original e criativo do que nós, tudo se torna interessante; e a pessoa já não fica assustada, mas tem um desejo imenso de viver tudo. Isto acontece através das circunstâncias, e a questão mais interessante é descobrir, como ela diz, que “através delas me é indicada a estrada”. A estrada não é algo que já sabemos *a priori*, porque se descobre a vida vivendo. Diz um poeta espanhol: “Faz-se o caminho ao andar” (cf. A. Machado, “Proverbios y cantares”, XXIX, em *Campos de Castilla*, 1917), descobre-se o caminho caminhando, descobre-se a estrada caminhando, não está já traçada na nossa cabeça. Por isso, como lhes digo sempre, a vida é só para os audazes, para quem aceita o desafio da provocação constante que nos é dirigida pelas circunstâncias, que muitas vezes são banais, mas é através delas que o Mistério que nos fez nos convoca para introduzir-nos sempre mais na plenitude do viver.

Bom ano, amigos!

Bonfanti. Agradecemos de todo o coração ao Julián, pela estrada que nos indicou, uma estrada que é para cada um de nós e que eu, nós queremos percorrer, uma estrada cujos instrumentos que

nos são dados, e que se encontram no folheto de avisos, são para serem levados a sério, cada um no próprio grupo.

Apêndice ***Outras contribuições escritas recebidas***

■ Neste verão tive de estudar para a recuperação. Por isso, passei muitos dias na biblioteca e no metrô. Obviamente não tinha vontade nenhuma, já que podia estar na praia ou em algum outro lugar. Era sexta-feira à tarde, e eu estava voltando de um dia de estudos na biblioteca. Tive de esperar o metrô por quase quinze minutos e isso não me animou muito, porque só queria chegar em casa, jogar-me na cama e não ter de pensar em mais nada que tivesse que ver com o estudo. Quando finalmente chegou, entrei e sentei-me no último lugar à esquerda. Aquela sexta-feira era um daqueles dias em que, se encontra alguém a quem não tem vontade de cumprimentar, você faz o possível para não olhá-lo e para não ser olhado; eu me sentia assim em relação a todos. Estava com a minha música e os meus fones de ouvido, e só pensava em chegar em casa; mas naquele momento aconteceu alguma coisa. Virei um pouco a cabeça e vi uma garota grávida que chorava do outro lado do vagão. Mas não estava chorando como quando você repete de ano ou lhe acontece algo não muito importante: estava chorando com dor, com muita dor. E a dor era tanta, que até mesmo eu a notei e me entristeci muito. Naquele momento, tudo ficou de ponta-cabeça e pensei em me aproximar. Mas o que uma garota como eu poderia fazer falando com uma pessoa tão triste e que eu nem sequer conhecia? Pareceu-me uma estupidez ir falar com ela ou só mesmo cumprimentá-la, e procurei evitá-lo de todos os modos. Aumentei o volume da música e virei a cabeça. Mas não conseguia, não podia evitar a dor daquela garota de um modo tão mesquinho. Não podia fingir que nada aconteceu depois de tê-la visto assim, e então algo me moveu a levantar-me e, quanto mais me aproximava, mais eu sentia medo e me vinham perguntas. O que eu ia lhe dizer? O que ela ia me dizer? O que aconteceria? E por que estava me aproximando dela? Acabei por me sentar perto dela, e só me ocorreu apresentar-me. Disse-lhe o meu nome, que eu a tinha visto do meu lugar e que algo se tinha movido em mim. Ela me disse o seu nome, olhou-me e começou a me contar o que lhe acontecia. Eu não podia acreditar. Como era possível que uma garota absolutamente desconhecida me contasse a razão por que estava sofrendo assim. Contou-me que estava muito triste e que estava indo a uma clínica para abortar. Perguntei-lhe por que ia lá e se queria continuar com a criança. Ela me disse que sim, mas que isso pressupunha muitíssimas dificuldades, e que não conseguia ver-se com uma filha para cuidar, para manter e para viver atrás a cada minuto, mas apesar disso queria tê-la. Então lhe perguntei por que motivo, se queria continuar com a criança, ia à clínica. Olhou-me sem falar e pôs-se outra vez a chorar. Eu vi que ela estava com medo, medo de ser abandonada, humilhada pelas pessoas, maltratada pelo seu namorado por ter querido ter a criança, e medo de outras coisas que poderiam acontecer. Quando enfim se acalmou, disse-me que estava com medo e que não queria perder o seu namorado por isso que lhe estava acontecendo. Perguntei-lhe se achava que, depois do aborto, ia ficar tranquila por ter tirado um peso ou se ia se arrepender. Sem vacilar, respondeu-me que ia se arrepender e que já amava a sua filha, que começava a dar-se conta do que é o amor de uma mãe e do sacrifício que está por trás, e que ela queria a filha mesmo assim. Se estava tão segura, por que ia à clínica? Disse-me que, naquela mesma manhã, o namorado lhe tinha telefonado enquanto tomava uma cerveja com os amigos e a tinha mandado ir naquela mesma tarde à clínica, porque ele não queria a criança. Naquele momento eu desabei. Pensei: como era possível falar disso por telefone? Disse-lhe que me parecia terrível, e ela me deu razão. Contei-lhe também das casas de acolhida, das pessoas que acolhem, do Movimento... E via que, quanto mais falava, mais ela se tranquilizava um pouquinho. Mas eu continuava vendo aquela dor tão terrível. Naquele momento chegamos a uma estação, e ela se levantou e correu para fora. Mas de repente se virou e entrou. Olhou-me, abraçou-me e disse-me: “Vou voltar para casa. Não vou à clínica. Entendi que

esta filha que espero é do meu namorado, mas minha também, e a amo com toda a alma. Obrigada”. E saiu. Eu fiquei em pé, sem saber o que fazer. O que tinha acontecido? Quem era aquela garota? O que seria dela e da sua filha? Eu continuava a pensar: quem sou eu para mudar a opinião de uma pessoa desconhecida? Quem sou eu para que aquela garota me contasse toda a sua história? Que papel tenho eu em tudo isto? Como será que estão aquela garota e a sua filha? Só tenho clara uma coisa. Isto é um verdadeiro Mistério, algo que não consigo entender, mas a felicidade que sinto agora por tê-la acompanhado naqueles minutos de metrô é incrível.

■ Freqüento o quinto ano do Liceu Clássico. Na Equipe dos Colegiais, de manhã, depois do café da manhã, disseram-nos que haveria o *Angelus* e as Laudes antes do encontro/assembleia. Eu não tinha vontade de ir (desculpem-me se o digo, mas quero ser franca), porque queria começar logo com a assembleia. Mas, no momento em que pensei isto, uma amiga me mandou uma mensagem dizendo-me: “Olhos abertos”. Bem, sim! Abri os olhos! Porque me dei conta daquilo que eu tinha na frente. Antes de começarmos as Laudes, cantamos *Al mattino*, e o padre interveio dizendo: “O que nos permite recomeçar de manhã? Acordar a cada manhã? ‘Que eu te veja, e é isto a manhã’. O mendigar vê-Lo, estar diante do seu desejo. A oração é um mendigar, e o mendigar é constitutivo do homem. Por isso rezamos: para pedir que nos encontre”. Eu me senti mendicante durante todo o verão, e por esse motivo ele falava diretamente a mim. Aproveitei plenamente as Laudes, porque queria estar atenta às palavras: não queria dizer palavras só por dizer... de fato, estando com os olhos abertos, entendi que as Laudes são expressão “d’O desejo”, porque cada palavra falava da minha posição de mendicante! Depois dessa experiência, eu e a minha colega “maltrapilha” exortamo-nos, uma à outra, a estar sempre de “olhos abertos”! A estar diante do que nos acontece e reconhecê-lo. E assim comecei a escola de maneira diferente, mendigando que Ele me encontrasse a cada manhã no *Angelus* com os meus amigos. Ficando de olhos abertos com aquela companhia, aproveitei o primeiro dia, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, etc. Todo dia, em pequenas coisas que me aconteceram: um simples sorriso das minhas amigas; uma fala da professora de filosofia sobre a sua posição em relação à teoria de gênero, contrária à minha, mas que me estimulou a me informar mais, para entender melhor; um encontro em que se falou da necessidade do homem; o abraço de uma amiga minha que está passando por um momento difícil da vida... a lista ainda poderia prosseguir. Num dos primeiros dias, tivemos a professora de grego. Pensei comigo mesma: “Ah! agora vai fazer o sermão de sempre sobre o fato de sermos passivos, de não estarmos atentos, etc”. Mas ao mesmo tempo pensei: “Bom, se a realidade é aliada, deve ser também neste momento!”. Assim me coloquei de outro modo. E pouco depois, falando de Eurípedes, a professora disse: “Eurípedes mostra em suas tragédias que o homem não se faz por si, precisa de algo mais”. Esta frase desconcertou-me, principalmente por ser dita pela professora naquele momento. Aquela aula era, para mim, uma Escola de Comunidade entre os bancos da escola, entre pessoas que não são de CL, falando de um autor acusado de ateísmo por muitos de seus contemporâneos, mesmo sendo “religioso” no sentido em que o entende Dom Giussani. Reconheço, em tudo isso, ter verificado a hipótese da realidade como verdadeira aliada até na escola. A única coisa que peço para este ano que se inicia é que, nesta companhia maltrapilha que são os Colegiais, nos ajudemos a manter os olhos abertos, para reconhecermos a nossa aliada!

■ Durante estas férias, descobri a beleza do estar nas coisas simples que me são pedidas. Em particular, trabalhando na vigilância do Meeting, era-me pedido essencialmente que esperasse. Esperar o horário para abrir as portas da feira, esperar por pessoas desconhecidas e talvez mal-educadas, que precisassem da minha ajuda. Não entendia o sentido da espera: a quem eu esperava? Nos primeiros dois dias, fiquei irritada por esse trabalho que parecia quase inútil. Pouco a pouco,

porém, a espera começava a já não ser tão hostil. Com o passar dos dias, a companhia dos outros do meu grupo começou a me sustentar: já não esperávamos meio adormecidos, mas cantávamos; cada pessoa que chegava, nem que fosse só para perguntar onde era o banheiro, era um grande evento, uma pequena coisa que dava sentido à espera. Depois, no penúltimo dia de trabalho, chegou por acaso, para pedir ajuda, uma pessoa querida que não via havia tempo. Com a sua chegada, boa parte da minha espera ganhou sentido. Eu tinha esperado aquela semana toda inconsciente, mas não em vão. Isto não pode senão dar-me confiança naquele Alguém que me doou a espera, sabendo antes de mim o que eu devia esperar.

■ Nasci com uma doença rara que me obrigou a submeter-me a diversas operações nas pernas; depois aconteceu o que nunca deveria ter acontecido: o pino que me colocaram no fêmur se partiu, e com ele o meu fêmur. Quando isto aconteceu, obviamente o mundo caiu em cima de mim, mas depois entendi que em todas as vezes que me operaram eu saí muito feliz, com a consciência de que tudo o que me acontece é para mim, para o meu bem. Até mesmo agradei a Deus não por uma ideia, mas porque eu vivi isso, experimentei isso, fiz experiência disso. Nesta aventura redescobri os meus colegas de classe e a minha família, a minha casa, os meus avós e todos aqueles que me rodeiam. Além disso, fiquei desconcertada pela enorme quantidade de amigos que rezaram por mim. Este fato foi para mim como um renascimento, porque pouco antes de ser operada eu estava “pê da vida” com Deus, porque não queria me curar; na verdade entendi, compreendi que a cura não pode ser só física, mas também moral, tanto que eu me vejo agradecendo continuamente ao Senhor, porque sem esta minha situação eu não seria aquela que sou. Neste verão, entendi que a realidade é uma enorme aliada minha, já que, sem o choque da realidade (o meu pino que se partiu), eu não seria aquela que sou; a realidade permite-me viver ao máximo os meus dias e redescobrir a cada vez que tudo o que me é doado é para o meu bem. Antes de todo esse “desastre”, eu estava muito apática em relação à minha realidade, à minha vida, eu era uma pessoa que “não conseguia ver as cores da realidade”, estava tudo em preto e branco, mas depois a realidade quis entrar na minha vida de modo prepotente, quis fazer-me entender que ela estava lá, que ela sempre esteve, mas que eu não queria olhar para ela, não a via, reduzia tudo ao que eu queria, para mim o resto não contava, nem mesmo valia a pena olhar para ele. Tudo o que me é dado é para mim, mas é como se toda vez eu tivesse de redescobri-lo; cada um de nós, creio, sempre precisa de algo que o sacuda de tudo aquilo que o mundo nos propõe e que sempre nos faz esquecer que a realidade é bela para cada um de nós.

■ “A realidade, junto com o coração, pode ser sua aliada?”. Esta pergunta foi-me repetida inúmeras vezes no último ano, tornando-se rapidamente um ponto que, provavelmente também pela insistência com que me foi lembrada, exigia uma resposta. Devo dizer que inicialmente me vi respondendo a essa questão de modo muito cético. Isto porque, neste ano, tive de enfrentar fatos, como o tumor da minha avó, que se impunham deixando-me sem a possibilidade de fazer nada, só com um grande sofrimento perante a minha inutilidade, que aqueles acontecimentos faziam sobressair cada vez mais. No começo deste ano, deparei com um momento decisivo que me fez mudar de ideia sobre a minha posição e sobre o meu ceticismo. Fui convidada a participar da Equipe Nacional dos Colegiais em Cervínia. Partindo de Milão com a intenção de viver aqueles dias para mim, depois de um ano em que eu tinha feito tudo, menos parar e me olhar seriamente, me vi perdida já depois de poucas horas. De fato, encontrei uma pessoa com quem eu já tinha tido um passado; este fato levou-me imediatamente a perder de vista a ideia de viver aqueles dias para mim; problemáticas do tipo “como me devo comportar com ele” distraíram-me. Naquela mesma noite, Albertino nos disse: “Lembrem-se de que estão aqui somente por vocês. Vocês têm de levar a sério

em primeiro lugar vocês mesmos. Aquilo que vocês são para os outros é uma superabundância que nasce espontaneamente”. Aquela chamada de atenção para viver aqueles dias para nós mesmos fez a diferença. Primeiramente em Cervínia, contando este fato a alguns amigos, agradei por uma pessoa que me disse: “Você se levou a sério já nesta noite, contando-nos tudo isso, fez-me prestar atenção àquelas palavras que tinham ficado indiferentes para mim. Se lhe interessa, esta é já uma superabundância que você me deu”. É inútil dizer o quanto foi grande o meu maravilhamento ao ver o quanto essa superabundância se fez sempre mais presente quando voltei para Milão, na minha vida de todos os dias. A partir de uma amiga que, não tendo podido ir a Cervínia, tinha me pedido que lhe contasse tudo; deixando de lado uma falta de vontade inicial, contei-lhe tudo o que tinha me impressionado, entendendo melhor ainda o que tinha vivido. Nasceu um diálogo surpreendente, ao ponto de, no dia seguinte, ela me mandar uma mensagem em que citava uma frase do seu diretor que lhe tinha lembrado uma coisa de que tínhamos falado no dia anterior. Isto não é superabundância? Ou um simples jantar com as colegas de classe em que eu e outra amiga, que também foi a Cervínia, contamos por duas horas seguidas tudo o que nos tinha marcado e como isso nos tinha feito recomeçar em Milão. O que contamos causou tanta maravilha entre eles, que vieram agradecer-nos, e de novo cheguei a perguntar: “O que é isto, senão um levar-se a sério? O que é esta coisa, senão uma superabundância?”. Percebi que algo inevitavelmente se desencadeia quando começamos a nos perguntar: “O que eu desejo para mim? O que este fato desencadeia em mim?”. Isto é um olhar amoroso que a pessoa tem sobre si mesma e que depois se reflete na relação com o amigo, com os pais, etc., ao ponto de tornar a escola, na qual talvez não se encontre muito bem, um lugar no qual poder lançar-se até o fundo. Outro dia, em sala, lemos um texto de Pasolini em que escrevia, a uma certa altura: “É um grito dado para invocar a atenção de alguém / ou o seu socorro; mas também, talvez, para blasfemá-lo. / É um grito que quer dar a saber, / [...] que eu existo, / ou então, que não só existo, / mas que sei. É um grito / em que no fundo da ânsia / se sente algum vil acento de esperança; [...] / De todo modo, isto é certo: que qualquer coisa / que este meu grito queira significar, / ela está destinada a durar além de todo possível fim”, e é isto o que contém o levar-se a sério. Dei-me conta de que a realidade como aliada não significa que ela substitui você, simplificando cada coisa, não permitindo que a dor seja um dado importante na sua vida; mas significa, justamente, que ela faz você dar um passo, em primeiro lugar, na seriedade que você tem consigo mesmo, como o mesmo Pasolini afirmava.